

INCLUSÃO ESCOLAR DO AUTISTA: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA

Yulia Carla de Oliveira Bicalho Batista*
Adelice Jaqueline Bicalho**

Resumo

Para que haja a inclusão do autista na rotina escolar, há que se fomentar mudanças estruturais no modelo tradicional de ensino. Neste cenário situa-se o papel da psicopedagogia como uma ciência que irá analisar as variáveis interferentes no processo de inclusão escolar do autista, bem como, colaborar com possíveis métodos de intervenção psicopedagógica para que o autista seja verdadeiramente incluído. Objetiva-se neste estudo apresentar as possíveis práticas de intervenção psicopedagógica visando transformar o ambiente escolar comum em um ambiente escolar inclusivo para alunos com autismo, mostrando, em síntese, o papel do psicopedagogo nesse processo. A metodologia utilizada se deu através de pesquisa bibliográfica em literatura específica que sustentaram as análises dos dados pesquisados junto ao CRAEDI (Centro de Referência e Apoio à Educação Especial Inclusiva Zilda Arms) de Governador Valadares, mediante conversas e visita oficial. Foram apresentados métodos basilares para a criação de metodologias educacionais voltadas ao autista, mas que não contempla apenas este grupo. Como resultados, pode-se apontar que para tornar o ambiente escolar já existente em um ambiente escolar apropriado ao aluno com autismo, fazem-se necessárias mudanças no tradicional modelo de sala de aula, que atendam suas necessidades de aprendizagem. Dentre essas mudanças pode-se destacar diminuição dos estímulos sensoriais e visuais. Conclui-se que as metas de aprendizagem apresentadas, apesar de parecerem muito genéricas, são de extrema importância para criar um ambiente saudável de aprendizagem tanto para o aluno com autismo, quanto para o profissional da educação que se relaciona diretamente com esse aluno.

Palavras-chave: Autismo. Inclusão Escolar. Psicopedagogia.

*Psicóloga, Pós-Graduada em Psicopedagogia,
Pós-Graduada em Neuropsicologia

**Psicóloga, Mestre em Educação, Psicopedagoga, Especialista em
Inclusão e Deficiência, Professora da UNIVALE

Introdução

Este artigo objetiva apresentar possíveis práticas de intervenção psicopedagógica visando transformar o ambiente escolar comum em um ambiente escolar inclusivo para alunos com autismo, mostrando, em síntese, o papel do psicopedagogo nesse processo.

A metodologia utilizada na apresentação deste conteúdo se deu através de pesquisa bibliográfica em literatura específica que sustentaram as análises dos dados pesquisados junto ao CRAEDI¹ (Centro de Referência e Apoio à Educação Especial Inclusiva Zilda Arms) de Governador Valadares, mediante conversas e visita oficial. Foram apresentados métodos basilares para a criação de metodologias educacionais voltadas ao autista, mas que não contempla apenas este grupo. Posteriormente estes dados foram analisados e condensados na forma deste resumo.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é transtorno do *neurodesenvolvimento* infantil (FONTES, 2014) caracterizado por dificuldades na interação social, comunicação, comportamentos repetitivos e interesses restritos, podendo apresentar também sensibilidades sensoriais. Recebe o nome de “*Espectro*” (spectrum), porque envolve situações e apresentações muito diferentes umas das outras, numa gradação que vai da mais leve a mais grave (VARELLA, 2019). Todas, porém, em menor ou maior grau, estão relacionadas com as dificuldades de comunicação e relacionamento social.

Porém, segundo o próprio Ministério da Saúde (2013) a ausência de modelos explicativos e propostas terapêuticas definitivas, além da grande complexidade das questões envolvidas nas diversas formas de autismo – que será o termo utilizado neste trabalho acadêmico para denominar de igual modo o Transtorno do Espectro Autista –, exige que a ética do campo público seja ao mesmo tempo rigorosa e flexível para dar acolhida a diferentes concepções sobre esse quadro.

O autismo afeta quase sempre a iniciativa de interação social da criança (ROGERS, 2014). Essas crianças tendem a focar-se em algumas atividades específicas, no âmbito das suas preferências individuais, e isso tende a se perpetuar por toda a vida. Essa rotina de

estilo de vida costuma ser de hábitos repetitivos, com rotinas rígidas, estabelecidas ao longo do tempo e da própria repetição do comportamento, numa espécie de *ciclo vicioso*, mas nem todos os autistas terão esse comportamento, já que cada um terá sua individualidade e seu grau de comprometimento.

A literatura pesquisada cita que há uma estimativa de que, no Brasil, haja cerca de 2 milhões de pessoas com autismo. No município de Governador Valadares, MG, as crianças e adolescentes autistas, matriculadas nas escolas públicas municipais, pelo menos em parte de sua totalidade, são atendidas pelo Centro de Referência e Apoio à Educação Inclusiva – CRAEDI. Em fevereiro de 2019, após levantamento de dados, foi constatado que há, aproximadamente, 265 autistas – diagnosticados ou com hipótese diagnóstica – atendidos pelo Centro de Referência. Segundo a diretora² do CRAEDI, desde 2005 houve um aumento de 60% no número de crianças e adolescentes atendidos.

O atendimento especializado para autistas no CRAEDI

Uma pessoa com um transtorno mental é, antes de tudo, uma “pessoa” e não um “transtorno” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013). A inclusão do aluno com autismo faz-se necessária, principalmente, pela necessidade de promover dignidade ao autista, de maneira abrangente e igualitária. Essa inclusão, além de trazer dignidade, traz aprendizados que vão além dos conhecimentos científicos, já que uma das maiores necessidades do autista é conviver em sociedade, aprendendo a lidar com os grupos e pares.

Os dados foram obtidos através de análise documental das crianças e adolescentes atendidas pelo CRAEDI, com idades entre 02 e 15 anos, além de um atendido com 19 anos de idade e dois de 16 anos de idade, estudantes de escolas públicas municipais de Governador Valadares. O atendimento especializado do CRAEDI é realizado uma vez por semana, no período de 50 minutos além de mais 10 minutos para lanche. As crianças são atendidas em grupos, ou, nos

1. Centro de Referência e Apoio à Educação Especial Inclusiva Zilda Arms – CRAEDI Governador Valadares, fundado em 09 de novembro de 2005 – Rua Afonso Pena, 3313, Centro – CEP 35010-001.

2. Patrícia Cancilieri, Diretora do Centro de Referência e Apoio à Educação Especial Inclusiva Zilda Arms de Governador Valadares (CRAEDI). Visita em 26/02/2019.

casos de maior comprometimento, o autista terá atendimento individual.

Aos atendidos são oferecidas oficinas diversas, como, por exemplo, a Oficina de Estimulação Precoce para crianças da Educação Infantil e a Oficina da Linguagem e Conhecimento, para os alunos do Ensino Fundamental. Essas oficinas fomentam o desenvolvimento e a interatividade social do autista. Salientando que o atendimento do CRAEDI não é um atendimento de cunho terapêutico, mas educacional especializado, onde é oferecido também suporte às escolas e formação aos professores das crianças com deficiência.

Na busca por uma educação de qualidade para os alunos com autismo, os profissionais do CRAEDI buscam na interdisciplinaridade esses fatores de ligação entre o aluno com autismo, a própria educação escolar e a docência. Portanto, essa educação se refere à igualdade de transmissão de conhecimento entre os alunos, com o nivelamento do ensino ocorrendo de maneira ascendente, onde as qualidades dos alunos sejam estimuladas e as deficiências sejam trabalhadas para amenizar possíveis dificuldades de aprendizado dos alunos, facilitando a transmissão do conhecimento por parte do professor e estimulando a interação harmônica entre alunos-professor, onde todos transmitam e recebam conhecimento.

A psicopedagogia é uma área de estudo interdisciplinar que olha para o sujeito como um todo no contexto no qual está inserido. É uma área de estudos de aplicação específica, uma vez que investiga conhecimentos em outros campos, mas que cria seu próprio objeto de estudo e delimita seu campo de atuação (BOSSA, 2000).

A Psicopedagogia tem como objeto de estudo a aprendizagem humana, como se dá o aprender, suas variações e os fatores implicados, como ocorrem as alterações na aprendizagem e como preveni-las, ou tratá-las, (BOSSA, 2000).

Assim, nestes aspectos, em se tratando de inclusão do autista, o profissional do CRAEDI, assim como o psicopedagogo é, acima de tudo, um mediador entre os diversos conflitos e desafios da educação inclusiva; um difusor das propostas psicopedagógicas necessárias para que a aprendizagem escolar ocorra de maneira eficaz e positiva para todos os alunos e todos os envolvidos no processo educacional desse ambiente escolar.

A escola, por si só, é um ambiente desafiador. Assim, o ambiente escolar para o aluno autista carece de adaptações estratégicas para que ele seja funcional e eficiente, principalmente quando se pormenoriza a escola e observa-se o principal ambiente de convivên-

cia dos alunos, que é a sala de aula. Cabendo, pois, ao CRAEDI buscar e oferecer suporte psicopedagógico às escolas a fim de que as mesmas possam efetivar ações inclusivas junto ao público autista.

Uma sala de aula ideal, precisa ter estímulos de comunicação visual práticos, que expliquem a função dos objetos, a territorialidade da sala e a maneira com que isso deve ser usado pelos alunos e pelos professores. Para um aluno com autismo, direcionar o foco de sua atenção para cartazes e brinquedos expostos na sala, pode dificultar o processo de aprendizagem, já que a atenção pode ser direcionada a pormenores de um desenho, ou textura de alguns materiais, por exemplo.

Um ambiente livre de estímulos visuais exacerbados é o ideal para os alunos com autismo. Os ambientes multissensoriais altamente enriquecidos são práticas comuns em ambientes pré-escolares, mas algumas crianças com autismo têm dificuldades na filtração de informação irrelevante, atendendo seletivamente à informação primária que é central para a tarefa a decorrer, e desviando suavemente a sua atenção (COURCHESNE, 1993; FRITH E BARON-COHEN, 1987).

Intervenção para inclusão do autista e a psicopedagogia

Cabe, portanto, ao psicopedagogo auxiliar a criação dessa rotina, porém, é fundamental que o professor participe desse processo de montagem do cronograma das atividades escolares da classe para que a autonomia do professor não seja lesada. A rigidez de uma rotina positiva de atividades pré-definidas não pode ser confundida com uma ditadura do comportamento da classe. O que se propõe é uma organização das atividades de maneira adequada às condições didáticas da escola e das diversas características das disciplinas, professores e demais alunos.

Existem, hoje, algumas práticas que visam estimular a inclusão do autista nas escolas e técnicas que auxiliam os professores no ensino desses alunos, bem como estimulam o aprendizado. Dentre essas práticas, amparado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96), o Plano de Desenvolvimento Individual – PDI – é o instrumento utilizado para adaptar o currículo escolar às necessidades dos alunos de inclusão escolar. Em Minas Gerais, desde 2005, a Secretaria Estadual de Educação orienta o atendimento de alunos com necessidades educacionais especiais decorrentes

de deficiências e condutas típicas.

O PDI visa ao atendimento das dificuldades de aprendizagem, (SILVEIRA, 2013) das necessidades especiais dos educandos e ao favorecimento de sua escolarização. Consideram as competências e potencialidades dos alunos, tendo como referencia o currículo regular.

Contudo, essas práticas inclusivas não têm cunho terapêutico, apesar de ter embasamento na literatura e na lida terapêutica de pacientes autistas. Pode-se citar como exemplo o método ABA (*Applied Behavior Analysis* ou Análise Aplicada do Comportamento, em tradução livre). O ABA pode ser definido como um método completamente baseado na observação e investigação comportamental do autista, com aplicação dinâmica (BRITES, 2019). O método ABA propõe intervenções pontuais que tragam autonomia para o autista, mesmo em tarefas simples do cotidiano, como, por exemplo, escovar os dentes, tomar banho e vestir roupas, além de induzir o aprendizado de conhecimentos complexos, sempre estimulando a autonomia.

Além do ABA, pode-se destacar, também, o Inventário Portage de Educação Pré-Escolar que faz parte de um sistema amplo de Treinamento de pais e educação pré-escolar denominado “Projeto Portage” (BARCELOS; GROSSI, 2013). O Inventário Portage orienta o aplicador, através do Guia Portage, para uma descrição de comportamentos de crianças de 0 a 6 anos de idade com o objetivo de construir um parecer para posterior intervenção no ambiente natural da criança avaliada, para que, através da sua aplicação, possa-se visualizar o seu desempenho, usá-lo para elaborar uma intervenção e avaliar os progressos da criança ao longo e durante o período de intervenção.

Essa intervenção é feita por meio de treinamento dado aos pais, outros familiares ou mesmo profissionais que possam realizar atividades de estimulação, atividades e registro, visando aceleração do desempenho destas crianças autista durante a idade pré-escolar.

Outro método que pode embasar esse processo de intervenção inclusiva é o Modelo Denver de Intervenção Precoce. O Modelo Denver foi implantado na década de 80 (ROGERS e DAWSON, 2014) como um programa pré-escolar de apoio ao desenvolvimento para grupo de crianças autistas com idades entre 24 a 60 meses. Como principal finalidade, o Modelo Denver buscou construir relações próximas com as crianças autistas para fomentar o desenvolvimento social e comunicativo.

Dentre as principais características do Modelo, que até hoje servem como base de uma proposta in-

clusiva de alunos autistas, pode-se destacar a utilização de uma equipe multidisciplinar; foco no desenvolvimento interpessoal; desenvolvimento fluente, recíproco e espontâneo da imitação dos gestos, movimentos faciais e expressões, e uso de objetos; desenvolvimento da comunicação verbal e não-verbal; ênfase no aspecto cognitivo das brincadeira; e parceria com os pais.

O psicopedagogo, no contexto escolar, deve buscar conhecer estes métodos para poder auxiliar a família, o monitor, professores e demais da escola, afim de que as estratégias de inclusão do autista sejam mais eficazes. Sua atualização profissional constante se faz necessária, pois ela será a mola propulsora da transformação do ambiente escolar. Cursos, leitura de artigos científicos e livros, e toda busca por atualizar-se é válida, para que o psicopedagogo alcance a excelência na realização de suas atividades.

O aluno com autismo, apesar de inserido num novo contexto inclusivo de educação, ao qual se está acostumado a ler e ouvir falar, carece de uma metodologia de ensino que seja, ao mesmo tempo, desafiadora e adequada às suas limitações. Daí vem a grande necessidade da interdisciplinaridade para estabelecer essa relação entre várias disciplinas ou ramos de conhecimento.

A interdisciplinaridade não deve observada como uma ciência ou nova disciplina, mas como possibilidade de diálogo entre as diferentes disciplinas e seus conceitos, sem anular ou diminuir os conhecimentos produzidos em cada Ciência, que propõe a integração dos diferentes conhecimentos para dar sentido aos conceitos científicos (OLIVEIRA, SANTOS, 2017).

O mediador dessa relação interdisciplinar é o psicopedagogo, que, isento de uma única ciência para realizar o seu trabalho, deve guiar os profissionais envolvidos a alcançarem essa simbiose harmônica, para que os objetivos educacionais sejam alcançados. O psicopedagogo deve manter a metodologia de ensino nivelada entre os profissionais da educação, onde o resultado seria uma escola inteira envolvida e compromissada em promover a educação a um aluno com autismo.

Outro aspecto que precisa ser sistematicamente reorganizado na sala de aula é o que se refere à rotina de atividades escolares. O aluno com autismo que tem acesso a sua rotina escolar, como, por exemplo, se houver na sala de aula um quadro que especifique os dias e os horários das diferentes atividades da classe, sente-se seguro para realizar suas tarefas atuais e se prepara mentalmente para as próximas tarefas.

O aluno autista não pode sentir-se sabotado. Por isso, torna-se importante que as disciplinas específicas sejam ministradas em dias fixos, já que, para o aluno com autismo, a rotina é uma necessidade inerente a sua condição.

Em contrapartida a todas as proposições, pode surgir, por parte de alguns professores, uma dúvida pontual com relação aos alunos que não possuem autismo, se estes podem ficar prejudicados por haver tal nivelamento entre os alunos e a interdisciplinaridade. Mas, a este questionamento, pode-se afirmar que limitar o número e a complexidade dos materiais, principalmente os materiais em exposição, servem para focar a atenção e estimular os níveis simples de jogo simbólico.

O exposto anteriormente não deve significar que a sala de aula, bem como, o ambiente escolar sejam improdutivos ou desinteressantes para as crianças mais avançadas. Será fornecida uma gama de materiais, mas esses materiais são totalmente planejados. A organização dos materiais servirá para todas as crianças e não apenas às que tem autismo (ROGERS e DAWSON, 2014). Todos os alunos terão acesso aos materiais e às atividades no tempo adequado para tal.

Como ideal de aprendizagem, o aluno com autismo e seus respectivos facilitadores, deverão buscar metas de desenvolvimento escolar-social (ROGERS e DAWSON, 2014). Dentre essas metas pode-se destacar algumas apresentadas a seguir: 1) O aluno com autismo deverá ser capaz de seguir rotinas diárias e negociar transições de forma independente, na medida do seu desenvolvimento; 2) participar gradativamente de forma independente em atividades de pequenos e grandes grupos; 3) o aluno autista deverá ser capaz de comunicar intencionalmente com os colegas e os adultos num ambiente de grupo, envolver-se nas atividades de maneira intencional, superando assim uma grande barreira condicional do autismo e usar objetos de maneira adequada para seus devidos fins; 4) outra meta a ser alcançada pelo autista deverá ser de desenvolver independência pessoal na gestão dos pertences, vida diária e competências de segurança e da própria autonomia.

Independentemente de suas preferências educacionais, o aluno autista deverá expandir competências do desenvolvimento em todas as áreas do ensino (por exemplo, mesmo que o aluno autista tenha grande aptidão por determinada matéria, esta não poderá ser a única em que ele tenha desempenho satisfatório) e adquirir as competências necessárias para participar

das próximas etapas da aprendizagem, havendo necessidade de mudanças no tradicional modelo de sala de aula e, dentre essas mudanças pode-se destacar diminuição dos estímulos sensoriais e visuais que, de certa forma, transformará o ambiente escolar em algo mais objetivo.

Considerações finais

Para que o psicopedagogo desenvolva um trabalho de boa qualidade no processo de construção da Educação Inclusiva (CRISTINE, 2018) é necessário que ocorram mudanças amplas na gestão escolar, preparação de metodologias para a educação inclusiva, para solução das necessidades do aluno especial, não somente do aluno autista, e mudanças estruturais do contexto histórico sobre como se processa a aprendizagem deste. No entanto, práticas já usadas em inclusão com autismo – práticas, essas, de eficiência sistematizada – podem ser um passo importante na construção de uma escola não apenas inclusiva, mas construída em alicerces educacionais firmes e eficientes.

Programas e centros como o CRAEDI, que ofertam suporte às escolas, e métodos terapêuticos como o ABA devem ser cada vez mais incentivados e suas metodologias devem ser trazidas para dentro da escola. Essa boas práticas trarão grande resultado na conquista de uma educação digna para os autistas e podem ser um norte para que o psicopedagogo se oriente na busca por uma educação inclusiva de qualidade.

As metas de aprendizagem apresentadas são de extrema importância para criar um ambiente saudável de aprendizagem tanto para o aluno com autismo, quanto para o profissional da educação que se relaciona diretamente com esse aluno. Por isso, o trabalho do psicopedagogo se faz necessário para auxiliar o professor no traçar de metas que proporcionem o desenvolvimento pessoal ao aluno autista, colaborando para a eficiência na inclusão desses alunos.

Referências

BAPTISTA, Makilim Nunes; TEODORO, Maycoln L. M (Organizadores), SANCHEZ, Fátima Abad (Autora). Psicologia de Família: teoria, avaliação e intervenção.

ARTMED, Porto Alegre, pág. 38-47, 2012.

BARCELLOS, Estefani Nayara; BERTINI, Marcelle Teixeira; LIMA, Talyta De Souza; MIRAS, Barbara Dias; GROSSI, Renata. A utilização do Inventário Portage como instrumento de avaliação no serviço de aconselhamento genético. **ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**, Londrina, novembro 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT13-2013/AT13-011.pdf>> Acessos em 25 fev. 2019.

BOSSA, Nadia. PSICOPEDAGOGIA: Em busca do sujeito autor. nadiabossa.com.br. 2019. Disponível em: <<http://nadiabossa.com.br/web/psicopedagogia-em-busca-do-sujeito-autor/>> Acessos em 06 de mar. 2019.

BRITES, Clay. Método ABA para tratamento de autismo. **entendendoautismo.com.br** 2019. Disponível em: <<http://entendendoautismo.com.br/artigo/metodo-aba-para-tratamento-de-autismo/>> Acessos em 25 fev. 2019.

COURCHESNE, E., TOWNSEND, J. P., AKSHOOMOFF, N. A., YEUNG-COURCHESNE, R., PRESS, G. A., MURAKAMI, J. W., et al. (1993). *A new finding: impairment in shifting attention in autistic and cerebellar patients*.

CRISTINE, Elen. Uma nova prática inclusiva. **Mundo Educação**. Disponível em <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/educacao/uma-nova-pratica-inclusiva.htm>> Acessos em 14 fev. 2019.

FONTES, Maria Alice. Transtorno do Espectro Autista (TEA). **plenamente.com.br**. 2019. Disponível em: <<http://plenamente.com.br/artigo.php?FhIdArtigo=207>> Acessos em 06 de mar. 2019.

GIACONI, Catia; RODRIGUES, Maria Beatriz. Organização do espaço e do tempo na inclusão de sujeitos com autismo. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 687-705, set. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217562362014000300004&lng=pt&nrm=iso> Acessos em 15 nov. 2018.

GIANNINI, Deborah. Aumenta número de crianças com autismo, segundo pesquisa. **R7 SAÚDE**, 27/04/2018. Disponível em <https://noticias.r7.com/saude/aumenta-numero-de-criancas-com-autismo-segundo-pesquisa-27042018>. Acessos em 13 fev. 2019.

Guia Portage de Educação Pré-escolar. 2019. Dispo-

nível em: <<http://www.profala.com/portage.htm>> Acessado em 25 fev. 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas Estratégicas Coordenação Nacional de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas. LINHA DE CUIDADO PARA A ATENÇÃO INTEGRAL ÀS PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO E SUAS FAMÍLIAS NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE. Versão para consulta pública. **www.saude.gov.br/bvs**. Série A. Normas e Manuais Técnicos, 1.ª edição – 2013. Disponível em: <http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/arquivos_comunicacao/autismo_cp.pdf> Acessado em 06 de mar. 2019.

OLIVEIRA, Elisandra Brizolla de, SANTOS, Franklin Noel dos. 5 PRESSUPOSTOS E DEFINIÇÕES EM INTERDISCIPLINARIDADE: diálogo com alguns autores. **revistas.pucsp.br**. Interdisc., São Paulo, no . 11, pp. 73-87, out. 2017. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>> Acessos em 06 de mar. 2019.

PEDAGOGIA AO PÉ DA LETRA. O aluno autista e o processo de aprendizagem. **pedagogiaaopedaletra.com**, 09/04/2013. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/o-aluno-autista-e-o-processo-de-aprendizagem/>> Acessos em 14 fev. 2019.

PERRONE, Adriana; SOUSA, Viviane. MP-SP investiga alto número de crianças autistas em escolas especiais. **GloboNews**, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/mp-sp-investiga-alto-numero-de-criancas-autistas-em-escolas-especiais.ghtml>> Acessos em 13 fev. 2019.

ROGERS, Sally J.; GERALDINE, Dawson. Intervenção precoce em crianças com autismo: modelo Denver para a promoção da linguagem, da aprendizagem e da socialização. **Lidel**. Lisboa – Portugal, v. único, p. 359, out. 2014.

ROTH, Berenice Weissheimer. Experiências educacionais inclusivas: Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade. **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial**, Brasília, 191 p, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/experiencias%20inclusivas.pdf>> Acessos em 16 nov. 2018.

SILVEIRA, Cristina. Espaço aberto para diferença e inclusão: que tal um debate sobre sociedade inclusiva? **PESSOA, Sônia Caldas**, 30/08/2013. Disponí-

vel em: <<https://tudobemserdiferente.wordpress.com/2013/08/30/plano-de-desenvolvimento-individual-e-lei-e-deve-atender-necessidades-dos-alunos/>> Acessos em 23 fev. 2019.

VARELLA, Drauzio. Transtorno do Espectro Autista (TEA). **drauziovarella.uol.com.br**. 2019. Disponível em <<https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/transtorno-do-espectro-autista-tea/>> Acessos em 06 de mar. 2019.

www.significados.com.br. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/interdisciplinar/> Data de atualização: 20/04/2015>. Acessos em 14 fev. 2019.